

RUA ALBERTO DIAS DA SILVA

Decreto nº 3708 de 15-10-1970

Formada pela rua 7 da Vila Teixeira

Início na rua Salvador Lombardi Neto

Término na rua Jardel Frederico Bôscolli (Jardel Filho)

Vila Teixeira

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal de Campinas Orestes Quércia.

#### ALBERTO DIAS DA SILVA

Alberto Dias da Silva nasceu na Freguesia do Sobrado, Concelho de Valongo, Distrito do Porto, Portugal, e faleceu em Portugal, em maio-1963. Era filho de Joaquim Dias da Silva e Maria André dos Santos. Alberto Dias da Silva veio de Portugal em junho-1894, diretamente para Campinas, a fim de juntar-se a seus irmãos aqui já residentes, na Vila Industrial. Moço, sadio, pleno de vida e entusiasmo, com vontade de lutar e vencer, em companhia dos irmãos fazia transportes com carroças. Devagar, foram adquirindo terrenos da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, hoje Fepasa. Estabeleceram-se com armazém de secos e molhados, a "Casa Dias", que passou a se constituir no ponto de encontro dos moradores da Vila Industrial. Os irmãos Manoel, Augusto, Belmiro e Alberto Dias da Silva passaram então, à construção de casas, vendendo-as sempre por preços baixíssimos e a prestações "a perder de vista", formando núcleos residenciais na Vila Industrial, além de outros pontos da cidade. Quando foi erguido o bairro da Vila Industrial, foi criada a paróquia de São José, que contou com a integral participação dos irmãos Dias, que além de angariar fundos para a construção da igreja matriz, colaboraram de forma decisiva para sua erecção. E era Alberto, que invariavelmente, acompanhava o padre Adriano nas primeiras visitas a seus paroquianos. E em todos os empreendimentos da Vila Industrial, os irmãos Dias se faziam presentes com importantes participações. Voltou por seis vezes à terra-mãe e lá era chamado por seus patrícios de "o brasileiro", tanto transparecia em sua personalidade os anos vividos no Brasil. E foi numa dessas visitas à Portugal que faleceu, três dias após haver deixado a sua adorada Campinas.



DECRETO N.º 3708, DE 15 DE OUTUBRO DE 1970.

Denomina "Alberto Dias da Silva" uma via da cidade de Campinas.

O prefeito municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios).

DECRETA:

Artigo 1.º — Fica denominada "ALBERTO DIAS DA SILVA", a rua 7, da Vila Teixeira, com início na rua 8 e término na divisa do mesmo loteamento.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

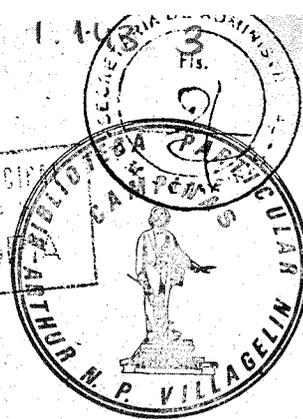
Campinas, 15 de Outubro de 1970.

DR. ORESTES QUERCIA  
PREFEITO MUNICIPAL  
ENG. JÚLIO CESAR PILENSO  
SEC. DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS  
DR. JOÃO BAPTISTA MORANO  
SEC. DOS NEGÓCIOS JURÍDICOS

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Jurídica), da Prefeitura Municipal de Campinas, datilografado por mim, Jeanete Aparecida Cahil, assistente de advogado e publicado no Serviço de Expediente do Gabinete do Prefeito, em 15 de Outubro de 1.970.

GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE  
CHEFE DO GABINETE

JUSTIFICATIVA



Alberto Dias da Silva veio de Portugal.

Para o Brasil.

Em junho de 1894.

Veio para ficar. Fixar residência em Campinas, na Vila Industrial, onde já morava um seu irmão mais velho.

Veio moço, sadio, forte, pleno de vida, de entusiasmo, com vontade de lutar e desejos de progredir.

Depois de trabalhar de vários modos chegou a ser comerciante e de comerciante passou a construtor.

Ele com seus irmãos e mais um pugilo de homens de sua têmpera foram os fundadores da Vila Industrial.

Cada casa que construía, cada alicerce que fundava, era uma raiz a mais que o prendia ao Brasil, sua segunda pátria, como gostava de dizer.

Quando o bairro foi erguido a paróquia - Paróquia de São José - Foi êle com mais alguns amigos que acompanharam o primeiro vigário Rvmo. Padre Adriano, nas primeiras visitas aos paroquianos e, foi êle com mais uns amigos que angariaram os fundos para a construção da grande Igreja Matriz.

Alberto Dias da Silva, confiava a tal ponto no futuro próspero de Campinas, que construiu, naqueles tempos difíceis, uma rua de casas que permaneceram fechadas por muitos meses por falta de famílias que as habitassem, recebendo críticas daqueles cujos horizontes curtos não deixavam antever os belos e promissores dias distantes.

Voltou muitas vêzes à terra-mãe e lá era chamado pelos seus patrícios de "o brasileiro" tanto transparecia na sua personalidade os anos vividos no Brasil.

Atravessou seis vêzes o Atalântico: quatro vêzes por mar e duas de avião e essas viagens para êle foram quais laços que ainda mais uniam as duas pátrias que amava.

Alberto Dias da Silva não se casou. Mas, exerceu a paternidade espiritual. Além de seus sobrinhos que sentiram de perto sua bondade de pai, muitas outras pessoas usufruíram as generosidades de seu coração magnânimo.

Tôda ascensão requer um impulso - êle gostava de ser êsse impulso inicial, principalmente para aquêles menos dotados e menos favorecidos. Tinha um interesse todo particular pelos jovens casais que lutavam num comêço de vida árduo e difícil e sempre que podia os ajudava, quer com auxílio financeiro quer com a fôrça do incentivo, ou apoio moral.

Os últimos cinco anos de sua vida, viveu-os no Brasil. Sentia uma satisfação imensa ao comparar a Campinas de 1894 com a Campinas de 1960, um regozijo enorme pelo progresso do bairro da Vila Industrial que êle viu nascer.

Faleceu em Portugal, em maio de 1963, três dias depois de deixar o Brasil.

*Alberto Dias da Silva*

Campinas, 10 de março de 1967.

O Beco Manoel Dias fica no bairro mais antigo de Campinas, a Vila Industrial. Ocupa todo um quarteirão, entre a avenida Sales de Oliveira e a Rua 24 de Maio. Para quem não conhece a região, pode passar despercebido. Porém, duas características fazem dele um lugar especial: A primeira delas: ele se formou no princípio do século e possui casas com mais de setenta anos. A segunda: tem os aluguéis mais baratos da cidade; habitações pelas quais os moradores pagam 250 cruzeiros mensais chegam a custar, em outras áreas, mil cruzeiros.

As casas do Beco — são trinta — foram construídas pelo português Manoel Dias da Silva a partir de 1902, quando a urbanização da cidade estava praticamente se iniciando. Embora o bairro tenha hoje a denominação de Vila Industrial, não havia indústrias; os cortumes que atualmente funcionam na área, foram instalados após a primeira guerra mundial. Havia apenas a estação da então Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, que se encontra ainda no mesmo local, ao lado da avenida Sales de Oliveira.

Manoel Dias construía as casas e vendia para quem quisesse ou pudesse comprar. Tinha três irmãos — Augusto, Alberto e Belmiro Dias da Silva — que faziam o mesmo. Os quatro emigraram do Porto no final do século passado e pertenciam a uma família de agricultores. Eram onze filhos (quatro homens e sete mulheres) e a situação econômica era má; a maior parte das terras havia sido hipotecada.

## Esperança

Augusto foi o primeiro a chegar. Manoel veio logo depois. E, em seguida, os outros dois. Montaram um serviço de transporte por carroças e após algum tempo puderam adquirir alguns terrenos na área onde a Mogiana instalaria sua estação. Tiveram sorte. A companhia comprou os lotes e pagou preço bom, o que permitiu aos quatro irmãos acumular o capital inicial.

As primeiras casas foram construídas lentamente. Eram pequenas e muitas delas ainda estão de pé no Beco Manoel Dias. Possuem quatro cômodos: dois quartos, uma sala, uma cozinha. O banheiro fica nos fundos, fora do imóvel. O progresso foi-lhes acrescentando, depois as redes de esgoto e a luz elétrica. E hoje quase todas têm antenas de televisão penduradas em seus telhados.

Algumas moradias foram feitas sob encomenda. Mas várias delas eram negociadas só depois de concluídas. Mesmo com aqueles cuja capacidade financeira não aparentasse ser suficientemente elevada. "Quer comprar?", perguntava um dos irmãos Dias. "Mas não tenho dinheiro", respondia o possível comprador. "Não tem importância, a gente acerta depois". As vendas eram controladas por cadernetas iguais às que se utilizam atualmente nos pequenos armazéns e mercearias. E os com-

pradores podiam, as vezes, determinar o valor das prestações a pagar, de acordo com o seu poder aquisitivo. Isso permitiu que maquinistas e foguistas da Mogiana tivessem suas casas próprias, ainda que pagando por elas durante vários anos.

"Naquele tempo, havia mais confiança". José Moreira Dias, sobrinho dos quatro irmãos e atualmente com 77 anos, recorda com nostalgia "aquela época em que o companheirismo era maior". E lamenta que hoje, tudo tenha de ser feito "na ponta do lápis", com despesas muito maiores. "Agora, quem pode comprar casa própria se até o aluguel de uma casinha mixuruca come o salário-mínimo inteiro?"

O objetivo dos irmãos Dias, entretanto, não era construir um núcleo habitacional popular, no sentido que se dá atualmente a esta expressão. Não havia planejamento (nem mesmo urbano) e o Beco Manoel Dias é um exemplo disso com suas casas sem localização exata e que, às vezes, parecem amontoar-se umas às outras.

"Mas posso dizer que a maioria delas é bem melhor que essas habitações da Cohab", garante José Moreira Dias. "As moradias de hoje parecem ser feitas de papelão, mas essas de 40 ou 50 anos atrás têm muito tijolo e cimento nas paredes; tanto é que ainda permanecem firmes, de pé". Os irmãos Dias, segundo José, usavam material de construção de boa qualidade, "ao contrário de algumas construtoras de agora..."

Além da Vila Industrial, os quatro irmãos levantaram casas em outros pontos da cidade: algumas na atual avenida João Jorge, outras na Rua General Osório (que fica no centro de Campinas). No início, trabalhavam diretamente na construção, como pedreiros, auxiliados por parentes que iam saindo de Portugal para o Brasil. Depois, puderam contratar mão-de-obra operária.

O empreendimento durou cerca de quarenta anos. Só depois de velhos, sentindo-se cansados, os Dias da Silva deixaram de construir habitações, mas já com a vida estabilizada. Na Vila Industrial, diz José Moreira, "é mais fácil dizer quais casas não foram feitas por eles". E também igrejas, pois a primeira capela do bairro foi levantada pelos irmãos.

Dos quatro, atualmente, não resta nenhum. O último, Belmiro, morreu há dois anos, deixando casas para os seus dezessete sobrinhos. E da família de onze irmãos, a única viva é Carolina Dias, de 98 anos. Está doente, "mas ainda lúcida" segundo José Moreira.

Somente Manoel Dias, entre os homens, se casou. Teve cinco filhos e adotou mais dois. Emílio Dias é um deles. Tem 75 anos e mora na casa n.º 63 do Beco que leva o nome do padrao. Quinze dos imóveis existentes no local são seus; os outros pertencem aos irmãos.

Os inquilinos não se queixam muito. Alguns residem no local há quarenta anos e não querem se mudar, "pois o lugar é bom e o aluguel é baixo". E entre os que adquiriram imóveis dos quatro irmãos, há pessoas que ainda não possuem a escritura de compra e venda, embora sejam proprietários de fato. Prova de que a "confiança" ainda não morreu?

Os Dias da Silva e seus descendentes — quase todos no Brasil — também se consideram satisfeitos. Com os investimentos e lucros dos quatro irmãos, puderam reaver as terras hipotecadas e atravessar várias vezes o Atlântico.

Alguns foram estudar na Europa e outros visitaram o revisitaram Portugal. Hoje, por causa disso, José Moreira Dias acha que "o Brasil é um país abençoado por Deus..."

